

O mundo (financeiro) que Sarney vai encontrar

Noenio Spinola

Um segmento mais que influente do governo do presidente José Sarney vem sustentando a impossibilidade de resolver os problemas da economia brasileira sem antes solucionar a questão da dívida externa. A lógica é esta: com o nível atual da dívida, o país tem que gerar megasuperávits, exportando tudo o que pode para pagar juros. A carne que falta aqui, os automóveis ou os eletrodomésticos podem ser encontrados nos restaurantes e magazines europeus ou rodando na Escandinávia.

Ponha de lado o fato de que o Brasil é um país de contrastes: o carro exportado para os dinamarqueses vai livre de impostos, enquanto o mesmo veículo vendido para Caruaru deixa nas fábricas do Centro-Sul um gordo ICM. Transferimos renda do Sul para o Nordeste e isso não entra nas plataformas políticas do Sr. Suplicy, em São Paulo. Como poderia?

Assim como as vésperas de eleição, aqui, condicionam as retóricas, também a América que o presidente visitará fervilha com disparates e demagogias. Semana passada, fui olhar as vitrines dos bancos em Chicago e Nova Iorque, pesquisando o que elas têm para oferecer. Os números estão lá: investimentos de médio para longo prazo são convidados na base de 6% e há quem fale em contas de poupança remuneradas em até 11% com juros compostos. A tese (correta) de que o Brasil precisa de juros mais baixos para reter menos dólares para o exterior, usando a poupança disponível em investimentos domésticos não pode, nem em Nova Iorque nem em Bonn, ser provada na estratosfera. Precisa antes passar pela atmosfera do mercado.

Para que as taxas caiam, é preciso uma ação concertada dos bancos centrais dos principais países, e, ironia ou não, as ameaças de uma nova recessão nos Estados Unidos são nossas aliadas. Os americanos querem reduzir um pouco mais os seus juros, e vêm tentando pressionar japoneses e europeus nessa direção. Se os juros não caírem de forma ordenada, os riscos de desequilíbrio internacional aumentam. Internamente, os americanos enfrentam dificuldades para remunerar sua poupança: o dinheiro que está hoje aplicado nos bancos veio de viúvas, pequenos depositantes e do público em geral, comprometido com o plano de pensão, uma aposentadoria ou o pagamento da hipoteca de uma casa. Baixar os juros na América que o presidente José Sarney vai visitar significa ainda derrubar um pouco mais o valor do dólar, encarecendo as importações e adicionan-



do percentuais indesejáveis no custo de vida. Com o Congresso dominado pelos Democratas e o Senado pelos Republicanos, o cenário doméstico para os políticos profissionais de Washington é, no mínimo, um labirinto e assim ficará até as eleições.

A tudo isso somem-se os ingredientes externos de disputa pela poupança. Considerem esse caso: entre este ano e o próximo, a União Soviética deixará de embolsar entre 7 e 8 bilhões de dólares, acrescidos de outros 3 bilhões de perda de receita com o declínio no valor da moeda americana, na qual suas exportações para a Europa são referenciadas. Os russos foram atingidos pela baixa nos preços do petróleo e do gás, e vêm tentando, sem sucesso, aumentar em 90 centavos de dólar por barril os preços do óleo cru dos Urais acima dos preços à vista. Trocado em miúdos, os soviéticos tornaram-se candidatos a financiamentos externos que alguns estimam em cerca de 17 bilhões de dólares até 1990, se Moscou decidir limitar estrategicamente seu endividamento em um máximo de 35 bilhões de dólares. A pressão por capitais novos, pois, não é um privilégio do Brasil. Para chegar aos cofres ocidentais, a URSS sinalizou até com a entrada no Fundo Monetário Internacional e no Banco Mundial, outrora descritos pela retórica comunista como "aqueles bastiões do imperialismo internacional e do neocolonialismo".

O mundo financeiro onde o Brasil do presidente José Sarney está tentando penetrar requer uma compreensão aguda e

atenta das mudanças em curso, o que não deveria ocorrer na mão única das críticas ao FMI ou às exigências do Banco Mundial para conceder empréstimos. O próprio BIRD está mudando, como reflexo de uma conjuntura cambiante, onde os delegados americanos que votam em seu board podem refletir mais os interesses dos agricultores do Meio-Oeste que os da reconstrução internacional. Mudando também estão as regras de boa administração dos fundos com a vertiginosa sofisticação dos mercados financeiros. Do responsável pela aplicação da caixa do BIRD ouvi, na semana passada, que o banco vai operar no futuro de taxas de juros para se defender da flutuação dos preços do dinheiro. Ao perguntar como justificava a decisão, declarou ele: "O mundo é volátil". Situar-se nesse "mundo volátil" requer grande dose de imaginação para o administrador da nossa dívida externa, e uma postura incompatível com a das ostras admiravelmente retratadas em um artigo de Fernando Pedreira no domingo passado, que abrem e fecham para se alimentar com as marés, mesmo quando não existem marés. A enorme reciclagem do mercado internacional tem atraído a atenção dos setores mais dinâmicos do Banco Central, comandados por Mendonça de Barros e Lara Resende. Mas ainda está para ver se a modernidade que eles defendem passa pelas malhas e resistências que todo governo heterogêneo normalmente desenvolve em seus corredores, com a retórica adquirindo mais peso do que a boa gerência.